

Escrita Criativa

TEXTOS INTEGRAIS BEM CLASSIFICADOS

3.º CICLO

- POESIA

Ainda brilho _____ 2

Renasce a esperança _____ 3

- PROSA

As cores do paraíso _____ 4

O silêncio da floresta _____ 5

SECUNDÁRIO

- POESIA

Procuro outros lugares _____ 6

Esperança _____ 7

- PROSA

Apenas o mar _____ 8

Amor _____ 9



Escrita Criativa

Ainda brilho

Por fora, pareço estar bem,
Mas, por dentro, estou em ruínas.
Durante o dia dou falsas gargalhadas,
Mas, à noite, no quarto,
Surge o meu verdadeiro “Eu”!

Aparento ser forte, bruto e frio
Para não mostrar fraqueza, mas,
No fundo, só quero é falar e
Ser amigo de todos.

Sempre que caio, vejo o fim,
Porém, levanto-me e sinto
Que ainda brilho!
Continuo vivendo, lutando
E ao próximo ajudando
À espera de um amanhã melhor,
No qual todos percebam
Quem realmente sou.

Santiago Rodrigues | EB23 de Santo António e Curral das Freiras

Escrita Criativa

Renasce a esperança

O sol a desabrochar,
Nesta manhã de primavera,
Renova, em mim, a esperança
a vida e a confiança!

Uma paisagem resplandecente,
Deveras embriagante,
Que ilumina todo o meu ser
Cuja essência me faz renascer!

Eis a esperança...
Invasor repentino
Que me irradia de luz
Com uma destemida força
Que encobre a obscuridade!

Com esta preciosa contemplação
Que me apodera, sinto que...
- A Esperança não é provocação!
- É a segurança no meu coração!!!

Pedro Vale | EBS Padre Manuel Álvares



Escrita Criativa

As cores do paraíso

Sempre imaginei como seria “o lugar de sonho”, até conhecer aquela praia e viver o seu encanto.

O cheiro da maresia, que corria com o vento na minha direção, fazia com que cada vez mais a vontade de entrar naquele enorme lençol azul aumentasse. Os meus pés, já cobertos de areia escura, pisavam pequenas conchas de diversas cores e tamanhos.

Sentei-me à procura daquela que fosse a mais brilhante, a que chamasse mais a atenção, sem me desconcentrar do som das gaivotas que brincavam no céu limpo, onde brilhava um sol que, apesar de não muito forte, aquecia o coração de qualquer um.

Finalmente encontrei. Era de forma perfeita, sem qualquer tipo de rachadura ou defeito. As linhas que a decoravam tinham sido geometricamente desenhadas. A sua cor alaranjada e amarela fazia-me pensar que, se ela tivesse personalidade, seria uma concha confiante e dona de si.

Juntei-a ao meu colar com as restantes, ao mesmo tempo que seguia caminho até ao mar. De pé em pé, a corrente, com gentileza, conduzia-me rumo à parte mais funda. Senti-me como se estivesse a cair num abraço frio e carinhoso.

Ao fim de alguns minutos, mergulhei e percebi que aquele lugar era rico em todo o tipo de beleza. Havia milhões de peixes, uns mais bonitos que os outros. Tentei tocar-lhes, mas, num piscar de olhos, camuflaram-se junto dos reluzentes corais vermelhos.

Acabei o dia da melhor maneira possível. Deitada, assisti ao pôr do sol que tinha uma paleta de cores perfeita. O mar tão limpo era o reflexo impecável do arco-íris de cores quentes.

Lembro-me como se fosse ontem... A delicadeza daquele paraíso trouxe-me uma paz inexplicável como se, finalmente, pudesse sentir-me em casa.

Mariana Aguiar | EBS da Ponta do Sol

Escrita Criativa

O silêncio da floresta

Em 1562, no início das Guerras Religiosas em França, Portugal enviou algumas tropas para ajudar os seus aliados, os Britanos, numa pequena guerra civil causada por um autoproclamado, o Grande General Francis Jones. Neste batalhão, estava João Guterres, um rapaz que passou a maioria da sua infância treinando para se tornar no melhor soldado, e quem sabe, General do seu próprio exército. Alguns dias depois, eles chegaram à floresta, onde o castelo de Francis Jones se situava. Ouvia-se apenas silêncio, quebrado, entretanto, por uma suave brisa que passava e pelo Comandante Pedro Ribeiro que gritou para os seus homens:

- Rápido, continuem a marchar, sem tempo a perder, temos de ajudar os nossos aliados nesta guerra!

João Guterres estava maravilhado com o aspeto desta floresta, tão verde, tão antiga, com tantas árvores enormes e neve nas suas folhas e pedras de um tamanho descomunal. Não havia nada disto em Portugal, pelo menos onde João vivia, na grande cidade de Conimbriga, onde estava tudo ocupado, sem uma árvore à vista.

Enquanto o João admirava esta linda paisagem, as tropas portuguesas foram emboscadas por alguns soldados do exército de Francis que os levaram como reféns para tornar a sua nova nação independente. João, que queria admirar mais esta floresta, decidiu juntar-se a Francis, tendo sido, por isso, chamado de traidor e exilado das tropas portuguesas.

Após conseguirem a independência, Francis decidiu chamar a sua nação de Irlanda em homenagem ao seu pai. João sentia-se feliz por estar naquela floresta e decidiu criar um sítio de lazer com imensas janelas para todos os visitantes poderem admirar a floresta tal como ele a admirava. Daí a dois anos, João termina, finalmente, o seu projeto: uma cabana de madeira com dois andares, dez janelas, imensos sítios para se sentar e um conjunto de bebidas feitas no local.

E esta é a história de como nasceu o primeiro bar irlandês.

Nuno Góis | EB23 Dr. Alfredo Ferreira Nóbrega Júnior

Escrita Criativa

Procuro outros lugares

*Por vezes,
Uma gaivota pousava nas águas,
Outras era o sol que cegava
E um dardo de sangue alastrava pelo linho da noite*
- Al Berto

Procuro outros lugares onde possa arder,
onde seja leve o peso da lentidão
em que a noite progride e
dita o destino deste corpo alado.

Procuro um lugar para fechar os meus olhos,
encontrar-me num espelho onde não me reconheça,
procuro arder vida adentro com tudo
o que de mim resta.

Leonor Mendonça | EBS Prof. Dr. Francisco Freitas Branco



Escrita Criativa

Esperança

Esperança é a luz que se deve manter acesa;
É aquilo que não se deve perder;
É o que deve permanecer quando tudo parece desvanecer.

Esperança é o sentimento que preenche o vazio da vida;
É esperar lentamente e ansiosamente por reviver.
É hibernar sem se saber o que pode vir a acontecer.
É viver o incerto, viver o negativo e,
principalmente, a pior perda de todas: a perda de si mesmo.

Dia após dia, quando se conquista a esperança,
devemos tratá-la como se fosse uma planta.
E assim, ao longo do tempo, florescer, conquistar,
crescer, esperar até ter o próprio jardim.

Pequenas coisas não são pequenas.
A paz também vem através de gotas do céu,
não só daquelas que escorrem pela nossa cara.

Cada ser humano é uma lua,
que alcança e ultrapassa várias fases.
Cada ser humano é um sol que brilha,
mais cedo ou mais tarde.

Isabel Gonçalves | EBS da Ponta do Sol

Escrita Criativa

Apenas o mar

As ondas do mar fazem-se ouvir, fortes e barulhentas. Com elas vem a solidão de uma alma perdida no mundo, cheia de medo, insegurança, receio... Mas tudo passa.

A paisagem traz paz de espírito, as montanhas da vida, rochosas, ensinam que não é importante apenas chegar ao cume, mas sim aprender o valor da escalada, porque o trilho da vida ensina que sempre haverá troncos como embaraços, mas sempre haverá maneira de contorná-los. E uma vez contornado, nada nos fará parar.

As ondas... as ondas fazem-me lembrar o humano moderno. Todas para o mesmo rumo, padronizadas, concordantes. Não consinto.

Porém, no fundo do oceano, por baixo da concordância, imagino nobres diferenças entre marés, tal como na alma de cada pessoa.

Mónica Raquel | EBS Ponta do Sol

Escrita Criativa

Amor

É incrível como o amor me manipula. Cria uma imagem maravilhada do que eu sinto. E a vida passa a ser um pôr do sol repleto de cores, tal como o meu coração cria novos tons de amar. Isto, porque o amor é um sentimento, não é consciente. Faz-se sozinho. E, no seu silêncio, vai tirando metade do nosso corpo. E ocupa os espaços felizes e os menos felizes. É como se dele se pudesse viver a vida inteira. É tramado! Porque eu dele adorava poder viver a vida inteira. Sonhei bastante com isso: amor por amor. Mas, como deve ser, porque tenho dentro de mim espaço disponível e sou capaz de amar. Por isso, acho que sou, para a vida toda, uma mulher para viver essa vida. E, embora, quem amo, não o seja, eu sou. Se calhar, com este texto, arrisco-me a expor a enorme sensibilidade que tenho. E, por consequência, a carência triste, que guardo, à espera disso. Do outro lado, também sofro. Talvez até mais do que eu consigo medir. E isso enerva-me, porque amo e sofro na mesma e, no espaço entre as duas coisas, deixo de ter olhos para mim. Deixo-o consumir-me com a sua forma de ser e, isso, condena a minha ação seguinte: limpar os cacos, os de um coração partido. Como todos aqueles que se permitem amar e, que, desse amor, vivem, se abrem... O amor tem as suas trevas. E a elas entrego a minha vida. É uma bela forma de vida, que te mata, mesmo antes de acabar. É difícil querer pintar o mundo e, depois, dar-lhe cor. É difícil abrir as cozeduras do teu espaço de luar. É difícil abrir e fechar. É tão ou mais difícil, porque não se decide amar. Ama-se e ponto.

Com amor, Jéssica.

Jéssica Pimenta | Conservatório – Escola das Artes da Madeira – Eng.º Luiz Peter Clode